

PSICOTERAPIA DE CASAL: UM RELATO DE CASO À LUZ DA TEORIA SISTÊMICA

Jordana Farias Falcão Henz¹

RESUMO

Desenvolve-se um relato de caso, a partir do pensamento sistêmico novo-paradigmático, baseando-se no atendimento de um casal, que nos traz suas dificuldades condizentes com a atualidade. Tem-se como objetivo empregar a teoria na prática da teoria sistêmica, enfocando o contexto em que se deu o surgimento da terapia familiar e seus conceitos fundamentais, além dos aspectos da psicoterapia de casal, assim como os recursos utilizados para possibilitar um novo olhar diante de circunstâncias cristalizadas e proporcionando um novo espaço de comunicação. Conclui-se que o atendimento possibilitou uma maior compreensão da psicoterapia de casal, que o espaço terapêutico tem funcionado como um facilitador do diálogo para o casal, proporcionando uma discussão, a partir do entendimento de que existe flexibilidade em um sistema, mas que há uma imensa dificuldade em produzir mudanças sólidas, devido à necessidade de reestabelecimento da homeostase.

Palavras chave: Teoria sistêmica. Terapia familiar. Psicoterapia de casal. Pensamento sistêmico. Comunicação. Relato de Caso.

ABSTRACT

Develops a case report from the systems thinking new-paradigm, based on the attendance of a couple, which brings its difficulties consistent with the present. Has aimed to employ the theory in the practice of systems theory, focusing on the context in which it gave the appearance of family therapy and its fundamental concepts, beyond the aspects of couple psychotherapy, as well as the resources used to enable a new look on circumstances crystallized and providing a new means of communication. We conclude that the service has enabled a greater understanding of couple psychotherapy, the therapeutic space has functioned as a facilitator of dialogue for the couple, providing a discussion, based on the understanding that there is flexibility in a system, but there is a immense difficulty producing sound changes due to the need to reestablish homeostasis.

Keywords: Systemic theory. Family therapy. Couples psychotherapy. Systems thinking. Communication. Case report.

¹ Discente do curso de Especialização em Intervenção Familiar Sistêmica do Centro Universitário do Rio Grande do Norte. Psicóloga clínica. E-mail: jordanafariasfalcao@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A importância deste trabalho é a de realizar um relato de caso de psicoterapia de casal à luz da teoria sistêmica, no qual são trabalhados diversos temas, como dificuldade de comunicação, sexualidade, divisão de tarefas domésticas, problemas financeiros.

A relevância do presente estudo se dá a partir da possibilidade de colocar em prática o que foi estudado na Especialização em Intervenção Familiar Sistêmica. Desta forma, será discutido como se deu o desenvolvimento da terapia sistêmica familiar, desde os primórdios até o momento atual, com suas diversas transformações e aprimoramentos, sendo exemplificado com o estudo de caso.

Segundo Fraenkel (apud FÉRES-CARNEIRO; DINIZ-NETO, 2008) as abordagens sistêmicas desenvolveram-se em grande escala, devido às limitações percebidas nas terapias que atribuíam às disfunções psicológicas e sociais a apenas problemas individuais, independente da natureza biológica, psicológica, psicodinâmica ou comportamental das problemáticas.

A partir do entendimento, de que o ser humano é um ser relacional, a terapia sistêmica vem modificar a forma de ação das terapias de enfoques individuais, possibilitando um novo olhar para o problema, visualizando o ser humano inserido em um contexto, ampliando desta forma, as atuações da psicoterapia.

A estratégia de pesquisa foi desenvolvida a partir da análise de dez sessões de atendimento a um casal, configurado como relato de caso de psicoterapia de casal, realizado em consultório, vindo à tona questões de dificuldade de comunicação, sexualidade, divisão de tarefas domésticas e problemas financeiros.

Desse modo o objetivo do trabalho foi interpretar a teoria na vida cotidiana de um casal, acompanhando a situação emocional de ambos conjuntamente ou separados, possibilitando ao mesmo tempo contar e recontar suas histórias, tentando dar algum sentido para tudo o que construíram juntos, assim como podendo produzir juntos um novo presente, contínuo e coerente com seus novos olhares.

É interessante apontar o fato de que existe a procura de uma psicoterapia de casal, quando há a esperança de melhorar, ou ainda de tentar resolver algo, antes de

buscar uma solução mais radical, como o divórcio. Apesar de que sabemos que a função da psicoterapia de casal não é separar nem unir o casal, mas sim possibilitar que ambos cresçam de alguma forma, emocionalmente.

Respaldamos os dados da pesquisa, enfocando o contexto em que se deu o surgimento da terapia familiar, seus conceitos fundamentais, além dos aspectos da psicoterapia de casal, assim como os recursos utilizados para possibilitar um novo olhar diante de circunstâncias cristalizadas, proporcionando um novo espaço de comunicação do casal atendido.

Enquanto respaldo teórico, observamos que o pensamento sistêmico novo-paradigmático pode ser explicado como sendo o conjunto de três pressupostos: A crença na *complexidade* em todos os níveis da natureza, a crença na *instabilidade* do mundo em processo de tornar-se, a crença na *intersubjetividade* como condição de construção do conhecimento do mundo (AUN; ESTEVES DE VASCONCELLOS; COELHO, 2006).

Segundo Aun; Esteves de Vasconcellos; Coelho (2006) pensar sistemicamente é ver a complexidade do mundo. É ver e pensar as relações existentes em todos os níveis da natureza e buscar sempre a compreensão dos acontecimentos - sejam físicos, biológicos ou sociais - em relação aos contextos em que ocorrem. É também ver sempre o dinamismo das situações, reconhecendo que o mundo está em constante processo de transformação, no qual não podemos prever situações e acontecimentos. Mas é também acreditar nos recursos de auto-organização dos sistemas e em suas possibilidades de mudança e evolução. É ainda reconhecer que existem realidades objetivas, ou seja, vamos construindo tais realidades à medida que interagimos com o mundo.

2 TERAPIA SISTÊMICA FAMILIAR

A terapia familiar nasceu na década de 1950, cresceu nos anos de 1960 e ficou adulta na década de 1970. Os primeiros terapeutas familiares acreditavam que as forças dominantes na nossa vida estão localizadas externamente, na família. A terapia baseada nesta estrutura tem por objetivo mudar a organização da família. Quando a organização

desta é transformada, a vida de cada um de seus membros também é correspondentemente alterada (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007).

O contexto em que surgiu a terapia familiar foi a partir de mudanças na concepção de família. Nos anos 50, a família era tida como conjugal monogâmica, hierarquizada, constituída de pai, mãe e filhos. No pós-guerra, anos 60 e 70, várias mudanças ocorreram na organização da família, que passou de conjugal, hierarquizada, para uma forma mais igualitária, democrática, que dava ênfase ao projeto do indivíduo, em detrimento do projeto do grupo social familiar (AUN; ESTEVES DE VASCONCELLOS; COELHO, 2006).

Diversos fatores contribuíram para essa mudança; como o desenvolvimento técnico-científico em várias áreas do conhecimento, nos meios de comunicação, levando o acesso do desenvolvimento à população. Assim como vários processos de transformação social; libertação da mulher, libertação da sexualidade e questionamento das instituições em geral (AUN; ESTEVES DE VASCONCELLOS; COELHO, 2006).

Outro fator importante foi à socialização da psiquiatria e psicanálise; no qual Freud, com a criação da psicanálise, no final do século XIX, trouxe as relações familiares para o foco de estudo de pesquisadores e clínicos. Mais de um século antes, Jean-jacques Rosseau, prosseguem os autores acima referenciados, já havia ressaltado a influência dos pais sobre as crianças. Desta forma, há muitos anos, as relações familiares têm sido consideradas importantes objeto de estudo. Porém, foi só em meados do século XX, com a socialização das ciências “psi” (Psicologia, Psiquiatria, Psicanálise) que a família e outros grupos sociais ganharam status de determinantes da saúde/doença do indivíduo e passaram a ser objeto de intervenção (AUN; ESTEVES DE VASCONCELLOS; COELHO, 2006).

Com o desenvolvimento da psicologia social, com uma visão diferenciada, perante os grupos minoritários e/ou marginalizados, como por exemplo, os doentes mentais, especialmente aqueles internados em hospícios, teve o início do Movimento Antipsiquiatria, com o processo de desinstitucionalização, dos hospitais psiquiátricos, assim como da própria família como instituição (AUN; ESTEVES DE VASCONCELLOS; COELHO, 2006).

Com o movimento de desinstitucionalização dos hospitais psiquiátricos, foram observadas as influências da instituição hospitalar sobre a saúde mental do paciente, enfatizando principalmente os fatores negativos. Havia uma ênfase na pesquisa dos fatores etiológicos sociais na saúde/doença mental, especialmente na esquizofrenia (AUN; ESTEVES DE VASCONCELLOS; COELHO, 2006).

Nesse contexto social surgiu o Movimento de Terapia de Família, no qual era baseada na abordagem com as famílias, com a visão de proteger os pacientes em relação a ela. Assim, a família foi ao mesmo tempo valorizada como local de influência decisiva para o desenvolvimento do indivíduo, quanto também condenada como culpada pelos sofrimentos mentais (AUN; ESTEVES DE VASCONCELLOS; COELHO, 2006).

Havia ainda a predominância da ciência tradicional, que se fundamentava em três pressupostos básicos: simplicidade, estabilidade e objetividade. Enquanto que a ciência contemporânea pretendeu basear-se nos princípios da complexidade, instabilidade e da intersubjetividade (AUN; ESTEVES DE VASCONCELLOS; COELHO, 2006).

Durante as décadas de 70 e 80, as questões sobre as limitações do paradigma da ciência tradicional, estavam em grande foco de discussão, no contexto científico. Devido a isto, a transição dos pressupostos da ciência tradicional para a ciência contemporânea, nos apresenta a modificação da simplicidade para a complexidade, no qual em vez da crença na possibilidade de conhecer o mundo através da simplificação dos fenômenos, dar lugar à crença de que essa operação destrói o fenômeno, havendo a necessidade de se manter a complexidade organizada. Há ainda a transição da estabilidade para a instabilidade, que modifica a crença em um mundo estável, tendendo ao equilíbrio, à concepção dele como instável, em constante processo de transformação. O outro fator de mudança é da objetividade para a intersubjetividade, da crença na necessidade de um distanciamento objetivo pelo cientista, para ter acesso à realidade, à crença de que a realidade é constituída de acordos intersubjetivos (AUN; ESTEVES DE VASCONCELLOS; COELHO, 2006).

Assim, a adoção do pensamento sistêmico como um novo paradigma para a ciência, e conseqüentemente, para a terapia de família, resultou em um grande impacto em suas teorias e práticas. Foi levantado o questionamento do terapeuta como autoridade, e daquele que tem o poder de curar e de diagnosticar. Sendo estes

considerados, a partir de então, processos de co-construção entre os terapeutas e os clientes (AUN; ESTEVES DE VASCONCELLOS; COELHO, 2006).

A premissa fundamental da terapia familiar é que as pessoas são produtos de seu contexto. Levando em consideração, que as pessoas mais próximas na vida de um indivíduo, em geral são seus pais, cônjuge, irmãos, é possível afirmar que seu comportamento é em maior parte influenciado pelas interações com os outros membros da família (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007).

Desta forma, mudar a família muda à vida de cada um de seus membros. A terapia familiar provoca mudanças em toda a família; portanto a melhora pode ser duradoura, pois cada membro da família é modificado e continua provocando mudanças nos outros (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007).

As terapias de orientação sistêmica têm como princípio desestabilizar o funcionamento do grupo nos aspectos que caracterizam disfunções, e que, cristalizados, impedem o crescimento e o desenvolvimento do ciclo vital, considerando-se que as mais variadas patologias podem ser compreendidas como interrupções e fixações em determinadas etapas e funções (ANTON, 2012).

Respaldados nessa discussão, iremos nos debruçar sobre os fundamentos da terapia sistêmica familiar.

3 FUNDAMENTOS DA TERAPIA SISTÊMICA FAMILIAR

3.1 Cibernética

“A cibernética é uma teoria dos sistemas de controle, baseada na comunicação (transferência de informação) entre o sistema e o meio, e dentro do sistema, e do controle (retroação) da função dos sistemas, com respeito ao ambiente” (BERTALANFFY, 1975, APUD, ANTON, 2012, p.85).

O advento da cibernética é responsável pela compreensão de um dos primeiros modelos de como as famílias funcionam. Na essência da cibernética, está o circuito dos mecanismos de feedback em sistemas que se auto-regulam. Há o feedback negativo, que é quando o sistema desvia-se do alvo e faz as correções necessárias para trazer de volta

ao curso. O feedback positivo é “a informação que confirma e reforça a direção que o sistema toma” (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007, P. 101).

Correlacionando com as famílias, a cibernética concentrou-se em fenômenos como: As regras familiares, que governam a variação de comportamento que um sistema familiar consegue suportar; os mecanismos de feedback negativo que as famílias utilizam para impor tais regras, como culpa, punição, sintomas; seqüências de interação familiar em volta de um problema e o que ocorre quando o feedback negativo que é utilizado comumente é ineficiente, ocasionando circuitos de feedback positivo (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007).

A primeira cibernética retrata o sistema familiar em crise, como uma máquina homeostática. Já a segunda cibernética conceitua o tratamento como contendo tanto o observado, como o observador, em um grande grupo (BOSCOLO; CECCHIN; HOFFMAN; PENN, 1993).

A partir deste novo contexto, os terapeutas de família retornaram a cibernética, mais exatamente a criação de uma segunda cibernética, que segundo Boscolo; Cecchin; Hoffman; Penn, 1993, a diferença mais importante entre a primeira e a segunda cibernética, diz respeito à observação dos sistemas. Na segunda cibernética, o observador entra naquilo que é observado, não há mais um sistema observado isolado.

A partir do conceito de causalidade circular, introduzido pela cibernética, que discorre sobre a influência entre os membros de uma família, as quais são recíprocas e circulares, onde um membro afeta o outro e vice-versa, foi possível definir a família como uma unidade, um sistema a ser abordado na totalidade (AUN; ESTEVES DE VASCONCELLOS; COELHO, 2006). Entretanto segundo Anton (2012), as famílias procuram ativamente conservar suas crenças, seus valores, suas características e sua identidade. Ou seja, buscam manter sua homeostase, que é essencial para a continuidade da vida. Porém, quando excessiva, esta enrijece e aprisiona.

3.2 Teoria Geral dos Sistemas

Segundo a teoria geral dos sistemas, de Bertalanffy, (apud NICHOLS; SCHWARTZ, 2007), os sistemas são caracterizados por características de:

Globalidade, no qual o sistema é mais que a soma de suas partes; **equifinalidade**, que seria a capacidade de atingir um objetivo final de diversas maneiras, **retroalimentação**, no qual as relações entre os elementos de um sistema ocorrem de forma circular.

O conceito de globalidade poderia ser descrito como a propriedade de um sistema aberto, no qual, toda e qualquer parte de um sistema está relacionada de tal forma com as demais partes, que uma mudança numa delas, provocará uma mudança em todas as partes e no sistema total. Ou seja, um sistema comporta-se não como um simples conjunto de elementos independentes, mas como um todo coeso e inseparável (WATZLAWICK, BEAVIN, JACKSON, 2007).

A equifinalidade significa que os mesmos resultados podem brotar de origens diferentes, porque a natureza da organização que é definida. Num sistema circular e automodificável, os resultados não são determinados tanto pelas condições iniciais quanto pela natureza do processo ou os parâmetros do sistema (WATZLAWICK, BEAVIN, JACKSON, 2007).

A retroalimentação pode ser positiva ou negativa. A retroalimentação positiva, conduz as mudanças, à perda de estabilidade ou equilíbrio. A retroalimentação negativa, que caracteriza a homeostase, a qual desempenha um importante papel na realização e manutenção da estabilidade de relações ((WATZLAWICK, BEAVIN, JACKSON, 2007).

3.3 Construtivismo e Construcionismo Social

Segundo o construtivismo, a nossa mente não é vazia. É um filtro ativo através do qual processamos e interpretamos o mundo, no qual, de acordo com Kelly (1955), compreendemos criando nossos próprios construtos do ambiente. Interpretamos e organizamos os acontecimentos e realizamos prognósticos que orientam nossas ações com base nesses construtos (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007).

Já o construcionismo social expande o construtivismo, afirmando que além de percebermos o mundo e nos relacionarmos com ele baseado em nossas interpretações, tais interpretações são moldadas pelo contexto social em que vivemos (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007).

Desta forma, a terapia se torna uma questão de revisar antigos construtos e desenvolver novos, possibilitando escolher qual ponto de vista torna a vida mais satisfatória. A terapia se torna um processo libertador, de desconstrução de crenças arraigadas (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007).

Assim, o objetivo da terapia, além da simples interrupção de padrões problemáticos de comportamento, passou a ser ajudar os clientes a descobrirem novas perspectivas em sua vida através do processo libertador do diálogo (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007).

3.4 Teoria do Apego

De acordo com Bowlby (apud RAMIRES, SCHNEIDER, 2010), até meados da década de 1950 do século XX, predominava o conceito de que a formação e a manutenção dos vínculos se sustentavam na necessidade de satisfazer certos impulsos, como a alimentação na infância e o sexo na vida adulta. Em contrapartida, baseando sua teoria em larga pesquisa empírica, postulou que existe nos bebês uma propensão inata para o contato com o ser humano, o que implica na necessidade de alimento e conforto, o que ele vai chamar de apego, afirmando que é um vínculo na qual o senso de segurança de uma pessoa está ligada estreitamente. No relacionamento com a figura do apego a segurança e o conforto experimentados em sua presença, possibilitam que seja utilizada como uma base segura, a partir do qual poderá se explorar o resto do mundo, prossegue o autor, explicando que as figuras de apego são internalizadas, então as experiências iniciais moldam as expectativas em relacionamentos posteriores de amizade, paternidade e amor romântico.

Assim, a teoria do apego se mostra essencial para a compreensão de sistemas complexos, bem como para explicar como mesmo adultos sadios precisam depender um do outro. Tal teoria sugere que a crítica e a queixa são um protesto contra a disrupção do laço de apego, ou seja, quando um parceiro se queixa do outro com críticas, na realidade o parceiro queixoso pode estar mais inseguro do que zangado. Quando o parceiro inseguro consegue admitir sua vulnerabilidade, é mais provável que o outro se aproxime para oferecer conforto (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007).

Tendo como referentes teóricos os conceitos fundamentais da terapia sistêmica familiar, iremos nos ater ao significado do casamento, surgimento da psicoterapia de casal, bem como sua evolução.

4 PSICOTERAPIA DE CASAL

O casamento é uma instituição social, que é constantemente influenciado pelas transformações históricas, socioeconômicas e políticas, em um determinado lugar. (AUN; VASCONCELLOS; COELHO, 2006) O casamento serve como proteção contra a anomia do indivíduo. Sendo um instrumento de construção nômica, o casamento tem como função social criar para o indivíduo uma determinada ordem, para que ele possa experimentar a vida com um certo sentido (FÉRES-CARNEIRO, 1998).

A partir de meados do século XX e início do século XXI, as ideologias e práticas do casamento, e os padrões que envolvem a construção psicossocial das identidades masculina e feminina passaram a ser questionados, acarretando uma crise de identidade e de papéis sociais na família e nos padrões de interação conjugal (FÉRES-CARNEIRO; DINIZ-NETO, 2005).

Parece que a instituição casamento tem se reformulado, à medida que os indivíduos buscam padrões mais satisfatórios e funcionais de relacionamento amoroso que promovam um crescente desenvolvimento emocional dos parceiros e uma diferenciação (FÉRES-CARNEIRO; DINIZ-NETO, 2005).

A psicoterapia de casal têm suas maiores contribuições oriunda dos Estados Unidos, no início do século XX, onde primeiramente era conhecida como aconselhamento matrimonial, no qual predominava uma abordagem ateórica de profissionais de diversas formações, baseadas no “bom senso”. Suas intervenções visavam aos esclarecimentos sobre a vida conjugal, sobre questões biológicas e conselhos sobre a necessidade de seguir os papéis conjugais, de acordo com as exigências da sociedade (FÉRES-CARNEIRO, DINIZ-NETO, 2008).

Mas o aconselhamento matrimonial não satisfazia as questões mais complexas da vida conjugal, levando alguns conselheiros matrimônias a irem buscar na psicanálise respostas para questões dos casais. Porém, foram encontradas dificuldades, devido ao foco no intrapsíquico e no indivíduo abordada pela psicanálise. A partir destas

limitações, há o crescimento das teorias sistêmicas familiares, que ampliaram o foco do indivíduo, para o sistema, e suas interações, absorvendo a psicoterapia conjugal (FÉRES-CARNEIRO, DINIZ-NETO, 1998).

Diante deste contexto, a tarefa da psicoterapia de casal hoje, consiste na construção de uma história de vida que seja condizente com as circunstâncias atuais do paciente (FÉRES-CARNEIRO; DINIZ-NETO, 2005). O compromisso da Psicoterapia é com a promoção da saúde emocional dos membros do casal, e não com a manutenção ou a ruptura do casamento (FÉRES-CARNEIRO, DINIZ-NETO, 2008).

O desafio terapêutico consiste em auxiliar os clientes a recontar as histórias de suas vidas de maneira que lhes permita uma compreensão de sua origem, de seu significado e de suas atuais dificuldades, de tal forma que a mudança se torne narrativamente concebível, alcançável e crível (FÉRES-CARNEIRO; NETO, 2005, p. 139).

Segundo Goleman (apud FÉRES-CARNEIRO; DINIZ-NETO, 2005), temos bons motivos para acreditar que são as forças dos sentimentos que determinam a sobrevivência do laço conjugal, e deste modo, nós, psicoterapeutas de casal, devemos nos basear nisto em nossa prática, para fortalecer nossa compreensão e intervenção.

A seguir, serão expostos, detalhadamente, dez atendimentos de uma Psicoterapia de Casal.

5 RELATO DE CASO

A esposa é Maria, 64 anos, historiadora, porém nunca se realizou profissionalmente, e relata ter medo do futuro por não estarem estabilizados financeiramente. Trabalha em uma faculdade como assistente de cursos, tem um trabalho desgastante, faz psicoterapia individual, no qual foi a sua psicóloga que indicou para psicoterapia de casal. O marido, João, 62 anos, biólogo, professor de uma universidade, tem horários mais flexíveis. Demonstra preocupação com a situação financeira da família, assim como com a sua aposentadoria. O casal tem 36 anos de casado, dois filhos, Tiago de 32 anos, formado em Direito, mas não trabalha, e Gabriel de 31 anos, fisioterapeuta, exercendo a profissão.

No primeiro atendimento João e Maria chegam ao consultório dizendo que estão vindo à psicoterapia de casal porque a relação está esfriando, apesar de existir amor. Maria reclama que o marido quase não a procura sexualmente. Relata que é sobrecarregada com as tarefas domésticas, que o marido e os filhos não ajudam. A esposa domina a sessão, praticamente só ela fala.

A partir de um olhar baseado no ciclo vital, na situação de um casal de meia-idade, pode ocorrer que os papéis, antes de pais protetores, mudaram de alguma forma e são poucas as aspirações que podem agora ser realizadas. Sentimentos depressivos se intensificam pelas mudanças físicas, diminuição da sexualidade e o prospecto de uma aposentadoria. Medos de perda e morte são reforçados pela maior incidência de doenças graves e morte que ocorrem entre familiares e amigos (PINCUS; DARE, 1987).

Segundo Pincus; Dare (1987, p.122) “Por outro lado, se casamento e emprego apresentam uma base sólida, a meia-idade pode ser uma época na qual tanto um como o outro alcançam uma completa maturidade”.

De acordo com Sheehy (1981) o contrato conjugal tem de ser renegociado na meia-idade, no qual uma série de reajustes deve ser feitos, para que a esposa não se torne a Grande Mãe, dominadora e cuidadora de todas as fraquezas do marido, enquanto ele assuma um papel passivo e afeminado.

Retornando ao atendimento, quando a terapeuta questiona se o marido concorda com os pontos levantados pela esposa, esse diz que não. Pois sobre a questão sexual, ele acredita que pode estar tendo uma diminuição da libido, devido às dificuldades financeiras que estão passando. Com relação às tarefas, ele diz que faz, porém, ela quer que as coisas sejam feitas à maneira dela.

Foi solicitado que eles pensassem o que era ser um casal para eles, baseado em Rosset (2010), que utiliza esta técnica relacional, com objetivo de auxiliar o cliente a identificar suas crenças e valores referentes ao relacionamento a dois. Assim como, possibilitar ao terapeuta e ao casal identificarem ambivalências, concordâncias e rigidez presentes no relacionamento conjugal.

No segundo atendimento, foi observado um clima mais leve entre eles. A terapeuta questionou o que tinham pensado sobre a tarefa que foi solicitada, e João falou que para ele ser um casal era ter afinidade, amor, compreensão, solidariedade e afeto, ter

discussão para entrar em ajuste, em acordo mútuo. Maria disse que era “Os dois olharem em frente na mesma direção”. Ao questionar se estavam sendo assim, ambos disseram que sim. Maria falou que tinha alguns ajustes para ser feito.

Surgiram reclamações sobre a falta de diálogo em casa, e a falta de ajuda nas tarefas de casa. Ao serem perguntados como se dava isto, eles disseram que tem uma televisão na cozinha, e ninguém conversa mais. Maria falou que no dia da faxina, enquanto ela arruma a casa toda, o marido fica somente limpando um banheiro. Ela reclama que ele demora muito, e ele logo rebate dizendo: “Mas eu faço não é?”

Foi colocado para eles que cada um tem seu tempo e modo de fazer as atividades, mas que o importante é fazer. E que Maria deveria rever o modo como ela fala, e João deveria prestar mais atenção, ter mais iniciativa.

Um dos fatos que se observa em terapias de casais é que eles tendem a se organizar em torno de temas centrais, a serviço de conflitos inconscientemente compartilhados. Mais fácil do que brigar consigo mesmo admitindo ambiguidades e ambivalências, é compartilhar conflitos e contradições internas com o parceiro. Metaforicamente, o tradicional jogo denominado “cabo de guerra” encontra em casais e em famílias ótima oportunidade de representar os dois extremos da “corda” que os une. Assim, existem brigas crônicas, que caracterizam o par e acabam por se constituir em uma espécie de “eixo central” que, inconscientemente, constitui-se a serviço de motivações compartilhadas e profundamente afinadas – apesar das aparências dizerem o contrário (ANTON, 2012, P. 71).

Neste encontro, realizamos um genograma², no qual Maria relatou que sua família era afetuosa, que os pais viviam bem, o clima familiar era animado. Porém que era como viver em um Exército, dominado pelos pais, que tinham regras rígidas. Falou que seu pai era rígido, fechado, ciumento, mas que “passava a mão na cabeça dela”. Sua mãe era carinhosa e extrovertida. Maria disse que seu apelido era “cavalo de pau”, porque sempre fora muito danada. Ela relata que apesar de ser historiadora, nunca se realizou profissionalmente.

² Segundo McGoldrick; Carter (1995) o genograma é um instrumento no qual são utilizados símbolos para descrever a associação e estrutura familiar básica. Proporcionam uma visão de um quadro trigeracional de uma família e de seu movimento através do ciclo de vida.

João relatou que o ambiente em sua casa não era bom; seu pai traía a esposa, era ausente em casa. Sua mãe tentou suicídio quando ele era criança, e que este fato o marcou muito. Havia brigas muito sérias. João tinha o papel de “pastorar” o pai, de apartar brigas. Era revoltado com o pai, queria que a mãe se separasse dele. Tomou conta dos irmãos e até hoje se sente responsável pela família. Diz também ser muito tímido, ter vergonha de falar.

O casal, espontaneamente, dramatizou como se conheceram no carnaval, que Maria tomou a iniciativa de esbarrar em João. No outro ano, Maria enviou um cartão para ele querendo saber como ficaria o relacionamento. Pouco tempo depois eles ficaram juntos.

A psicóloga constatou que João, tímido, escolheu casar com o “cavalo de pau”. E um equilibrou o outro. Ele aprendeu a se expressar melhor, e ela teve que moderar um pouco para entrarem em acordo. Foi pontuado também que João não suportava discussão, pois já passou muito por isto em sua vida. Porém, que em alguns momentos, era preciso discutir para chegar a um acordo.

Segundo McGoldrick (2012), os genogramas são úteis para identificar claramente a estrutura familiar e observar os padrões de relações e funcionamento da família. Desta forma, os genogramas possibilitam que os terapeutas tenham conhecimento da complexidade do contexto de uma família, sua história, os padrões e eventos familiares importantes. Tudo isto, proporciona uma base para a formulação de hipóteses sobre o que pode estar influenciando uma crise em uma determinada família.

No terceiro atendimento, fizemos a continuação do genograma, nos atendo aos filhos deles. Segundo os pais, Tiago seria considerado safado, assim como o avô paterno; e não realizado profissionalmente, assim como a mãe, que possui uma frustração em sua carreira. Gabriel foi descrito como o mais pacato, como o pai e trabalhador.

Maria relata que o marido é um paizão, porém que sempre fez mais pelo filho mais velho Tiago, como por exemplo, enquanto este saía de taxi, o outro filho andava de ônibus.

João e Maria falaram que a esposa cuida demais dos filhos, e também do marido. Mas que Maria fica revoltada quando está fazendo algo em casa, e ao pedir ajuda a Tiago, quem aparece é o marido.

Foi pontuado pela psicóloga, que João age como se quisesse poupar o filho mais velho, mas desta forma, ele faz com que o filho se acomode, não somente no auxílio das tarefas domésticas, mas na vida como um todo. Maria reclama ainda que ela quer reconhecimento do que faz, quer ser cuidada também, e ajudada nas tarefas domésticas.

Reforça-se para ambos, que casamento moderno dá trabalho mesmo. Não se pode agir como antigamente. A esposa trabalha o dia todo, então é necessário que ambos assumam a responsabilidade.

As mudanças no casamento, decorrentes das conquistas de emancipação feminina, da sexualidade desvinculada da reprodução, da autonomia da mulher, a legitimação do divórcio, a valorização das relações afetivo-sexuais, trazem modificações nas expectativas pessoais e sociais, nas regras do relacionamento; como no que diz respeito à redefinição de áreas de responsabilidade doméstica e de provimento, a redistribuição de tarefas nos casais de dupla carreira e de duplo trabalho, assim como no sistema de trabalho, com suas exigências, flexibilidade de horários, redistribuição de poder nas relações de gênero; e principalmente o aumento das exigências de obterem satisfação pessoal (AUN; ESTEVES DE VASCONCELLOS; COELHO, 2006).

No quarto atendimento, Maria novamente começa reclamando sobre as tarefas domésticas, então fizemos um levantamento de tudo o que há para ser feito, e desta forma realizamos uma divisão entre eles.

Estudos como os de Gottman (apud FÉRES-CARNEIRO; DINIZ-NETO, 2008), têm demonstrado, que mesmo em uma época de múltiplas experiências em formas de conjugalidade e famílias, o impacto da divisão do trabalho doméstico na vida do casal influencia não só o nível de bem-estar e satisfação conjugal, mas até mesmo o nível de longevidade.

Após ser realizada a divisão de tarefas entre eles, foi introduzida a técnica “Linha do Casamento” (Rosset, 2010), no qual o casal deveria relatar sobre como tem se dado o casamento do início até hoje, tanto os pontos positivos como os negativos. O

objetivo desta técnica foi proporcionar a psicoterapeuta e ao casal uma organização do tempo do casamento; levantando as dificuldades, bem como o padrão de funcionamento do casal.

Quiseram começar pelo noivado, no qual Maria, que morava no interior tinha se mudado para a casa dos pais de João. Foi relatada uma situação em que João bateu em Maria, devido crise de ciúmes. A sogra ao presenciar a situação, chamou seu marido, e este disse que era algo normal entre marido e mulher. Maria arrumou a mala para ir embora, mas João pediu perdão, implorou que ela ficasse, e a mesma aceitou.

Em 1978, no início do casamento, o marido bateu novamente em sua esposa, devido ciúmes infundados, por causa do trabalho dela, e desta vez ela ligou para seu pai, que viajou para encontrá-los e disse que Maria tinha sido criada com sete homens e nunca tinha apanhado de nenhum, mas que eles refletissem e decidissem se iriam querer prosseguir com o matrimônio. Decidiram que sim. Devido esta situação, Maria ficou muito machucada fisicamente e moralmente envergonhada de voltar ao seu emprego, o qual ela perdeu por ter faltado vários dias. Esta fala muito amargurada, sobre esta perda, que diz ter sido um excelente emprego federal, e hoje ela tem um trabalho péssimo. Ela diz não perdoá-lo.

Em 1979, eles foram morar em São Paulo, devido João ter ido fazer um mestrado, onde passaram 4 anos. Relatam que foram 3 anos e meio felizes, no qual o ciúmes diminuiu, conseguiam passear juntos. Porém, a mãe de João foi morar lá no final e destruiu a harmonia. Esta criava conflitos, inclusive hostilizava Maria sobre o fato de esta não estar conseguindo engravidar. Nesse tempo, Maria consegue engravidar, e a sogra ao saber da novidade, ignora.

Ao voltarem para Natal, quando foram a uma festa em família, um cachorro pulou em Maria a deixando assustada, e a sogra disse que ela iria perder o bebê. João falou que deveria ter uma parte de fantasia da esposa.

Porém, foi explicado para ele, pela psicóloga, que mesmo que ela estivesse exagerando, não é adequado se comentar para uma grávida que ela vai perder o bebê, independente da forma que tenha sido dita. Foi deixado claro para João, que apesar de ser a mãe dele, ela tem defeitos e limitações. Assim como, parecia que ela tinha muitas frustrações relativas ao próprio casamento, desejando assim, ter um marido como João

Ambos confirmaram que a mãe dele já chegou a expressar claramente, que gostaria de ter tido um marido como o filho. Foi pontuado ainda, que era importante João deixar claro para a mãe, que a amava, mas tinha escolhido Maria para ser sua esposa, e era com esta que ele deveria seguir, não necessariamente abandonando sua mãe. João concorda.

A mãe simbiótica envolve o filho e o absorve de tal maneira, que este parece não ser mais do que mera extensão dela. A fixação na figura materna é fruto de severa insegurança. A autoanulação é o preço que ele paga pela precária segurança recebida. A falta de diálogo e a imposição de papéis antinaturais ao filho levam-no a não desenvolver um “eu” ativo, impedindo-o de se tornar o sujeito de uma relação. Assim, não pode se aliar ao outro genitor, por mais que o deseje, por achar que é impossível abandonar sua função de apoio, sem que tudo se desintegre (ANTON, 2012).

No quinto atendimento, chegaram ao consultório, animados e dizendo que deu certo o cumprimento da divisão das tarefas domésticas no final de semana. Discutimos sobre a sessão passada, que Maria contou sobre a situação de violência, no qual a psicoterapeuta indagou ao marido se ele tinha algo a falar sobre o que ocorreu. Ele disse que a imaturidade fez isto, e que se arrependia.

Ao serem questionados como eles tinham superado este padrão de violência; disseram que depois que a esposa saiu do trabalho, nunca teve mais crises de ciúmes. Porém em outra situação ele a empurrou. João falou que a forma que ele encontrou disso não acontecer mais, foi não discutir, pois quando ele discute tem medo da própria reação. A psicoterapeuta pergunta a ele para onde estava indo a sua raiva. Ele não soube responder. Foi frisada a importância de ele procurar uma psicoterapia individual, para serem trabalhadas questões pessoais, pois não era possível se relacionar com outros, sem discutir. A discussão é algo saudável, sem precisar partir para a agressão física.

Continuando a “Linha do Casamento”, eles relataram que quando voltaram para Natal, o filho mais velho, Tiago, estava com 1 ano e 6 meses, quando a esposa engravidou de Gabriel. Disse que a gravidez de Tiago foi muito tranquila, e já a de Gabriel foi extremamente difícil. Relataram que a fase da infância dos meninos foi muito feliz. Eles sempre foram pais presentes. Viviam com simplicidade, mas muito felizes.

Maria apressadamente interrompe, e fala do final de semana, no qual conta que eles ficaram sozinhos, e que ela se arrumou toda com uma lingerie bonita, foi mostrar ao marido na sala, e disse: - Estou te esperando! Ele não quis ir. João explicou que não gosta do modo como ela fala, sem romantismo. Ela disse que sempre agiu assim, mas agora ele não tem interesse.

O telefone tocou, ela atendeu, e quando desligou o telefone, já mudou de assunto. Começaram a falar sobre os filhos, que Gabriel tem mágoas de Tiago, pois este já insinuou que Gabriel era homossexual, porque ele nunca aparecia com namorada, mas que isto mudou, apesar dele ser reservado, já demonstrou ter namoradas.

Maria relatou que o marido estava lavando o carro, e chamou Tiago para ajudá-lo três vezes, mas este não foi. O marido em seguida chamou a esposa para trazer um aspirador, poupando o filho. João disse que esperava que o filho tivesse iniciativa, já que não tem, ele prefere não chamar. A psicóloga pontuou que eles poupavam muito Tiago, e apesar de parecer uma coisa simples, ele terminava ficando acomodado na vida. Ele não estuda para fazer um concurso, não trabalha com nada certo, só faz uns eventos na noite, que segundo o casal, ele consegue pagar as saídas dele.

Maria falou que já cansou de insistir para Tiago estudar para concurso, e ele não demonstra interesse. A psicoterapeuta constatou que ele já tinha 32 anos, que os pais deveriam dar um ultimato, deveriam exigir que ele trabalhasse, nem que fosse para ganhar um salário mínimo. Assim, ele veria a realidade como era, e mudaria de ideia. Maria falou que não vê problema nenhum em emprego simples. E que eles precisam somar os salários, para melhorar o padrão de vida. Também foi colocada a importância de trazer os filhos para a psicoterapia em um próximo encontro, pois há diversas questões da família para serem trabalhadas.

Teve um momento, em que Maria falava, sem o deixar falar, no qual foi necessário a psicoterapeuta interromper, colocando para ambos: - Aqui a psicoterapia é de casal, você não consegue se impor para falar, João? Este respondeu que ela era muito mandona. Em seguida, foi incentivado pela psicóloga, que o marido dissesse como se sentia nas situações em que a esposa agia assim, mandona. Ele falou que se sentia diminuído. Foi possível perceber que Maria ficou tocada com isto, mas já foi dando a volta por cima, e disse que sempre foi assim, desde o início, que ele gostava dela assim.

Segundo Rosenberg (2006) julgamentos, críticas, diagnósticos e interpretações dos outros são expressões alienadas de nossas próprias necessidades e valores. Quando os outros ouvem críticas, tendem a investir sua energia na autodefesa ou contra-ataque. Já ao conectarmos nossos sentimentos a nossas necessidades, mais fácil será para os outros reagirem compassivamente.

É fundamental nos expressarmos a partir dos nossos sentimentos. Desenvolver um vocabulário de sentimentos que nos permita identificar claramente nossas emoções nos conecta mais facilmente uns com os outros. Ao nos permitirmos ser vulneráveis por expressarmos nossos sentimentos, ajudamos a resolver conflitos (ROSENBERG, 2006).

Nos conflitos maritais, é fácil observar como os esposos passam por um padrão de escalada da frustração, até que por uma exaustão física ou emocional, eles param de tentar discutir até estarem refeitos para uma próxima guerra (WATZLAWICK, BEAVIN, JACKSON, 2007).

“Já em uma relação simétrica saudável, os parceiros são capazes de se aceitarem mutuamente tais quais são, o que leva ao respeito recíproco e à confiança no respeito do outro, e equivale à confirmação realista e mútua de seus respectivos eus” (WATZLAWICK, BEAVIN, JACKSON, 2007, P. 96).

No sexto atendimento, o casal falou que os filhos não viriam, pois não acreditavam em psicoterapia. Nesse encontro, Maria reclamou muito que o que mais sentia falta era da iniciativa do marido em fazer programas diferentes, em vez de ficar assistindo a filmes sozinho, assim como também gostaria que o marido a defendesse perante uma discussão com os filhos. Foi proposto para ambos que seria necessário atendê-los separadamente em um próximo encontro.

No sétimo atendimento, João veio sozinho, e ao ser questionado sobre como estava o relacionamento dele, este respondeu que estava esfriando há muito tempo. Ele diz que hoje deixou de procurar sexualmente a esposa, devido esta ter negado várias vezes, e ele cansou. Relata estar tendo dificuldade de ereção, devido ao baixo desejo, e que já procurou médicos, mas que não foi constatado nada fisiológico.

Apontou a dificuldade financeira como um fator que o abala muito, e que não deixa a esposa à par de toda a realidade. Desabafou muito sobre tal circunstância. A

demanda de João foi acolhida, deixando claro para ele que era totalmente compreensível tal situação.

Nessa sessão foi pontuado, que a maior reivindicação da esposa dele, era de que necessitava mais de atenção e iniciativa da parte dele. Mostrei que todas as reclamações dela relativas à desorganização da casa, na verdade, era um pano de fundo para um pedido de carinho, de cuidado, pois ela é responsável por cuidar de todos, mas sente falta de ser cuidada.

No oitavo atendimento, Maria veio só. Chegou perguntando o que a psicoterapeuta tinha feito com ele, que estava uma maravilha. Foi explicado que na sessão com o marido, havia sido colocado, que para a esposa era importante ele demonstrar mais afeto e atitude, relativos ao relacionamento. Ela relatou que eles passaram o dia no shopping com a família de João, almoçaram fora, que o marido a convidou para assistir um filme, mas que ela não aceitou ver o filme, pois ele só a convidou quando todos foram embora. Relatou também que o marido iniciou a limpeza da casa, sem ao menos ela pedir.

Ao ser questionada sobre como Maria tem visto o relacionamento, esta disse que a parte da sexualidade está mais difícil, pois ela acha que ele está acomodado, não a procura faz tempo, e faz três meses que tiveram a última relação sexual.

Pontuei para ela que na maioria dos casos de falta de ereção ocorriam por questões emocionais, e que algumas atitudes valeriam a pena serem tentadas. Atitudes estas, que serão explicadas a seguir.

Um fator importante que tem ocorrido na família deles é a dificuldade financeira, questão que costuma abalar muito os homens. Outro fator importante que pode estar acontecendo é o fato, do marido, sentir-se diminuído perante ela, pois esta é bem mais ativa.

A psicoterapeuta incentivou Maria a tentar elogiá-lo mais, assim como demonstrar que precisa dele, o que é fundamental para o homem, bem como ele sentir-se útil para a família. “Grande parte da autoestima masculina apoia-se na ereção” (KAPLAN, 1977 APUD ANTON, 2012)

Segundo Anton (2012) a disfunção erétil seria uma impossibilidade de obter ou de manter a ereção. O pênis permanece flácido, mesmo que o sujeito sintasse imerso de desejo e extremamente excitado. Ocorre várias vezes, mesmo não havendo grandes dificuldades afetivas entre o par, que uma primeira falha desencadeia uma ansiedade demasiadamente elevada.

A disfunção erétil, do ponto de vista vincular, pode ser desencadeada por uma parceira exigente e voraz, que amedronta o parceiro, como se pudesse exauri-lo e colocá-lo permanentemente à prova, checando sua masculinidade e potência, exigindo dele um desempenho e uma dedicação que ele não pode ou não quer oferecer (ANTON, 2012, P. 365).

No nono atendimento, foi colocado para o casal que teríamos mais uma sessão gratuita, de acordo como foi combinado com ambos, no qual foi sugerido que eles prosseguissem com a psicoterapia de casal ou psicoterapia familiar, à medida que as suas questões também envolvem a família nuclear. Assim como, devido à esposa já ser atendida individualmente, foi sugerido que o marido fizesse sua psicoterapia individual.

Foi discutido com ambos, o que foi abordado nos encontros individuais, no qual a dificuldade financeira que estavam passando, e estava afetando o clima da casa deles, não poderia ser algo de responsabilidade apenas de João, pois é algo que envolve toda a família. Sendo assim, a esposa, deveria participar ativamente nessa questão também, já que ela tem a característica de ser mais organizada e econômica, isto ajudaria a família. Maria disse que concordava, e que sabe resolver essas questões melhor do que o marido. Foi explicado também, que tal situação de dívidas, tem abalado o casal sexualmente e afetivamente.

Neste encontro, Maria disse que ela tinha decidido que a casa dela iria virar uma “república”, pois ela estava cansada de ter que organizar tudo, e os homens bagunçarem. Agora iria pensar em si própria. O marido disse que ela era muito exagerada, que ele era organizado, mas ela quer tudo perfeito.

A psicoterapeuta pontuou que o padrão de organização deles era diferente, o marido já reconhecia que deveria ter mais atitude, porém o padrão de exigência é algo particular, e talvez não haja consenso neste quesito, já que João tem auxiliado nas

tarefas domésticas, e Maria sente que não é do jeito que ela quer. Desta forma, Maria, deveria ser mais criteriosa com as suas próprias coisas apenas.

Outro aspecto levantado pela esposa foi a de que o marido é mais atencioso com a família de origem, do que com a família constituída, no qual reclama que ele faz tudo o que a sua mãe pede, mas o que a esposa pede, ele demora a fazer. João diz que resolve praticamente tudo para ela, mas ela nunca está satisfeita. A psicoterapeuta o questiona: - O que ela quer mais João? Este responde: - Mais atenção! Eu já dou, mas se ela quer mais eu vou tentar dar mais.

Um aspecto interessante observado nesse atendimento foi o fato de após o atendimento individual de João, no qual a terapeuta pôde dar espaço para ele se colocar, sem ser julgado, este passou a discutir com a esposa, no qual antes costumava ficar calado, ou responder olhando para a terapeuta. Agora, ele dizia para a esposa aquilo que não concordava, olhando para ela, e não mais esperando o consentimento da psicoterapeuta.

Foi solicitado pela psicóloga que eles pensassem sobre quais aspectos positivos e negativos que percebiam no casamento deles.

No décimo atendimento, João trouxe a tarefa passada na sessão anterior, no qual colocou que o relacionamento deles tem passado por altos e baixos, como todo casamento. Apontou uma dificuldade em ter uma comunicação funcional, no qual disse haver rancores de situações do passado, por parte da esposa, que se tornaram barreiras intransponíveis. Porém, disse que o amor que um sente pelo outro, assim como o desejo de serem felizes com sua família, são fatores que os mantêm juntos.

João colocou um agradecimento à psicoterapeuta, por ter possibilitado ao casal, sintetizar a situação geral do relacionamento, no qual a partir do direcionamento da psicóloga, foi possível um maior diálogo sincero, no qual esse deve continuar sendo amadurecido, para conduzi-los a uma melhor convivência.

Maria disse não ter feito a tarefa, mas que tinha trazido um cartão de agradecimento, e que concordava com o que o marido tinha escrito, e que gostaria de prosseguir com a psicoterapia de casal, pois tem sido fundamental eles resgatarem suas histórias de vida, buscar um sentido para elas, e terem um espaço de diálogo, que já fazia tempo que não tinham.

Maria disse que agora ela estava tentando não se importar mais tanto com a bagunça da casa, pois estava preocupada consigo, em se arrumar, em sentir-se bem. Maria relata ter percebido que não adianta ficar sempre reclamando, pois quanto mais ela reclama, menos eles fazem. E exclama: “Parece até que gostam”. Contou ainda que no final de semana, foi a um chá de bebê, no qual usou uma roupa linda, e todos comentaram que ela estava maravilhosa, e ela ficou radiante. Expôs também uma situação em que Tiago quis discutir com ela, e a mesma disse, que não queria discutir. E simplesmente calou-se.

A psicoterapeuta perguntou ao marido, o que ele estava achando dessa nova esposa. Ele falou que estava achando bom, estava bem mais light. A psicóloga apoiou a forma como Maria estava agindo, pois ficar sempre reclamando, só sustentava o papel de chata, e no fim, ninguém muda quando ouve críticas, e isso só deixava o clima da casa mais pesado.

Eles relataram também que foram ao cinema, e no final do filme disseram que se amavam. E que depois de três meses sem terem relações sexuais, eles transaram, e que foi ótimo. A psicoterapeuta pontuou que o sexo não começa na cama, ele já inicia antes, no clima agradável, na companhia um do outro. É preciso ser cultivada a harmonia do relacionamento. Pontuou também que no primeiro atendimento, a esposa tinha dito que a situação estava difícil, mas colocava como se apenas o marido tivesse que mudar. E uma relação, é construída pelos dois lados. O marido estava se propondo a melhorar, mas agora, que Maria estava encontrando também uma forma de lidar melhor com as circunstâncias, naturalmente o clima iria se tornar mais leve, e consequentemente, a relação também.

6 RESULTADOS

O casal atendido apresentou diversos temas centrais de conflito, como problema com divisão de tarefas domésticas, atenção exigida pela esposa, dificuldades financeiras, sexualidade. Porém, ficou claro, que a maior questão de todas, envolve justamente a comunicação, que ao ficar prejudicada, dificulta o desenrolar de todos os outros aspectos.

“Especialistas na área da família (Haley, 1986; Minuchin, 1995) assinalam o quanto a comunicação é um dos elementos básicos para o bom relacionamento entre seus membros, e ainda tem constatado que o sintoma ou os problemas familiares são mantidos por padrões de comunicação disfuncionais, sendo que para dissolvê-los é necessário modificar os padrões de comunicação já existentes” (WAGNER; FÉRES-CARNEIRO, 2001).

A partir dos atendimentos de psicoterapia de casal, foi perceptível um maior comprometimento por parte do marido, que inicialmente veio trazido pela esposa, sendo colocado como o culpado de todos os problemas do casal. No qual, ele se portava de forma extremamente passiva perante a esposa. O marido passou a se expressar mais, se colocando diante das reclamações de sua esposa, e antes ele se calava. Outro fator importante de mudança foi a maior iniciativa por parte do marido em realizar as tarefas domésticas, bem como em chamar a esposa para sair, a partir do que foi pontuado pela psicoterapeuta.

A esposa parece ter uma maior resistência à mudança, pois a mesma se posicionou inicialmente, como não precisando mudar em nenhum aspecto; no qual a culpa sempre estava no outro. Ela desqualificou o marido em diversas situações, circunstância esta que o afastava emocionalmente dela. Em diversos momentos, ela reclamou da forma como ele organizava a casa, ou como fazia a feira no horário errado, ou ainda não a convidava para sair. Porém, é interessante notar que apesar das mudanças de atitude por parte de João, que, como foi colocado, passou a ter mais iniciativa em tais aspectos, Maria, em vez de elogiar, desconstruía o que ele fazia, por não ser exatamente do jeito que ela gostaria. Como em uma situação em que estavam no shopping, o marido a convidou para assistir a um filme, quando seus familiares tinham ido embora e a esposa respondeu: “Agora, que todos foram embora, você me chama?!” Tais aspectos foram por diversas vezes trabalhados com o casal, no qual a psicoterapeuta pontuou que cada um tem o seu próprio modo de realizar atividades, e que o importante era o compartilhar as tarefas, assim como ter iniciativa em melhorar a relação afetivamente.

Tal situação parece ser perfeitamente explicada por Watzlawick, Beavin, Jackson (2007) com o conceito de homeostase familiar, sendo uma regra familiar que preconiza a estabilidade do sistema, o qual utiliza de diversos mecanismos

homeostáticos, operando para restabelecer o delicado equilíbrio do sistema perturbado. Assim, os sintomas do paciente parecem proteger o outro cônjuge e, a título de colaboração, a primeira regressão dos sintomas, correlacionando-se com uma mudança na situação da vida do cônjuge, pode ser geradora de ansiedade para o outro cônjuge.

Apesar disso, a esposa percebeu que a forma como estava agindo, sempre no papel de reclamar, cobrar, estava sendo prejudicial principalmente para ela, por ficar desgastada, deixar o clima de sua casa estressante, desagradável, e isso interferia na forma de seus relacionamentos com marido e filhos. Então, ela passou a se portar de um modo menos exigente com a organização da casa, tornando o ambiente mais leve, no qual teve consequência direta na melhora da sexualidade do casal, que estava há três meses sem ter relações sexuais, e a partir de tais modificações, puderam voltar a se relacionar afetivamente e sexualmente.

Assim, da mesma forma, que o sistema faz um grande esforço para se manter estável, ele também deve ser capaz de permitir a mudança perante os desafios da vida. A estabilidade estrutural deve ser contrabalançada com a capacidade de se adaptar a circunstâncias alteradas, ou seja, com a flexibilidade, principalmente em situações de crise (WALSH, 2005).

Mesmo diante de desafios, foi possível perceber que ambos passaram a ter maior consciência das dificuldades que estavam passando, à medida que foram discutidas e trabalhadas nas sessões, a partir do ponto de vista do sistema relacional, diminuindo a força do aspecto de que há sempre uma vítima e um culpado, devido ter sido enfatizado pela psicóloga o fato de que um contribuía para o comportamento do outro.

Foi observado que o espaço terapêutico tem funcionado como um facilitador do diálogo para o casal, proporcionando uma discussão, no qual ambos podem colocar agora seus pontos de vista, e não mais, ser escutada apenas a voz de um. Ou seja, deu-se a possibilidade de iniciar uma maior abertura do casal para compreender as necessidades um do outro, através das discussões. Porém, ainda não foi instalado um novo padrão de se relacionar de forma mais saudável, assim como uma comunicação funcional, não havendo uma maturidade sólida na resolução de conflitos.

Como nos ensina Garriga Bacardí (2011) não podemos nos esquecer de que a maioria das realidades humanas é construída por seus membros. Pelo menos assim é

quando as pessoas conservam a liberdade para escolher seu caminho e tomar responsabilidade de sua vida. É muito mais benéfico ajudar as pessoas a construir formas de relação que nutram do que opinar quem tem razão e quem falha.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os atendimentos realizados possibilitaram uma maior compreensão de que o espaço da psicoterapia de casal proporciona um olhar ampliado sobre os problemas trazidos, à medida que as dificuldades são abordadas como relacionais, não apenas individuais. Porém não se trata de um lugar milagroso, necessitando assim da participação de ambos os cônjuges para o desenvolvimento do processo.

Fica claro que há uma imensa dificuldade em produzir mudanças sólidas, no qual foi perceptível o esforço que o sistema conjugal faz para se manter em homeostase, apesar de dizer desejar o contrário. Porém, em outros momentos foi observada a vontade de transformar antigos padrões de funcionamento, no qual tanto marido, quanto esposa, perceberam suas contribuições para as dificuldades apresentadas e buscaram, dentro de suas limitações, modificar comportamentos antes cristalizados.

Desta forma, é inquestionável que estamos no início de um longo percurso, no qual deve haver continuidade, para assim, possibilitar uma transformação mais consistente e verdadeira, de acordo com os sentimentos de cada um, e com suas construções de significados.

REFERÊNCIAS

- ANTON, I. C. **A escolha do cônjuge**: Um entendimento sistêmico e psicodinâmico. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- AUN, J. G.; ESTEVES DE VASCONCELLOS, M. J. E & COELHO, S. V. **Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais**: fundamentos teóricos e epistemológicos. 2ª ed. Belo Horizonte: Oficina de Arte & Prosa, 2006. v.1.
- DINIZ-NETO, O.; FERES-CARNEIRO, T. Psicoterapia de casal na pós-modernidade: rupturas e possibilidades. **Estud. psicol.** Campinas, v.22, n.2, 2005. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em: 17 ago., 2013.
- FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia, Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 11, n.2, 1998. Disponível em: www.scielo.br . Acesso em: 17 ago., 2013.
- FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Casamento e família: do social à clínica**. Rio de Janeiro: NAU, 2001.
- FERES-CARNEIRO, T.; DINIZ-NETO, O. De onde viemos? Uma revisão histórico-conceitual da psicoterapia de casal. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 24, n. 4, dec. 2008 . Disponível em: www.scielo.br . Acesso em: 10 set., 2013.
- GARRIGA BACARDÍ, J. **Viver na alma**: amar o que é, amar o que somos e amar os que são. Campinas: Saberes Editora, 2011.
- MCGOLDRICK, M.; CARTER, B. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: Uma estrutura para a terapia familiar. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- MCGOLDRICK, M.; GERSON, R.; PETRY, S. **GENOGRAMAS**: avaliação e intervenção familiar. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- NICHOLS, M. P.; SCHARTZ, R. C. **Terapia Familiar**: conceitos e métodos. 7ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- PINCUS, L.; DARE, C. **Psicodinâmica da família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- RAMIRES, V. R. R.; SCHNEIDER, M. S. Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação?! **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 26, n. 1, 2010. Disponível em: www.scielo.br . Acesso em: 21 Out., 2013.
- ROSENBERG, M. B. **Comunicação não-violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006.
- ROSSET, S. M. **123 Técnicas de Psicoterapia Relacional Sistêmica**. 4ª ed. Curitiba: Sol, 2010.
- SHEEHY, G. **Passagens: Crises previsíveis da vida adulta**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- WALSH, F. **Fortalecendo a resiliência familiar**. São Paulo: Roca, 2005.

WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J. H.; JACKSON, D. D. **Pragmática da comunicação humana:** Um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação. São Paulo: Cultrix, 2007.